blimunda 81

a viagem da

arte

SARAMAGUIANA

MENSAL FEVEREIRO 2019 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Editorial

COM JEAN WYLLYS, CONTRA A MÁQUINA DE MENTIRAS

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

ON THE ROAD

SARA FIGUEIREDO COSTA

A casa da Andrea

ANDREA ZAMORANO

ciclo-ne

ANDREIA BRITES

And the winner is...

ANDREIA BRITES

Espelho meu

ANDREIA BRITES

Sempre che-gamos ao sítio aonde nos esperam

PILAR DEL RÍO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 81 fevereiro 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

**Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos**

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm

EDITORIAL
COM JEAN WYLLYS, CONTRA A MÁQUINA DE MENTIRAS

No dia 24 de janeiro, Jean Wyllys, ex-deputado brasileiro pelo Psol, anunciou numa entrevista que renunciaria ao mandato como parlamentar por ser alvo de ameaças. O jornalista e ativista tinha sido eleito pela terceira vez para ocupar uma cadeira na Câmara de Deputados do Brasil, mas decidiu exilar-se. Desde março do ano passado vivia sob escolta por causa das ameaças que recebia – algumas delas extensivas à sua família.

Horas depois da divulgação da notícia as redes sociais foram invadidas com notícias falsas sobre uma suposta participação de Jean Wyllys no atentado que Jair Bolsonaro, Presidente do Brasil, sofreu durante a campanha presidencial. A *Pública*, agência de notícias brasileira, rastreou a origem das *fake news* difundidas entre os dias 24 e 25 de janeiro e concluiu que, embora tenham sido divulgadas inicialmente em perfis anónimos, a notícia ganhou repercussão quando figuras públicas ligadas à extrema-direita a partilharam. Entre as pessoas que amplificaram estas fake news estão parlamentares e, inclusive, o próprio Presidente do Brasil, que usou da ironia para comentar o auto-imposto exílio de Jean Wylliys.

Não é a primeira vez que o ex-deputado do PSOL é alvo de *fake news*. Em mais de uma ocasião viu-se obrigado a recorrer à Justiça vencendo processos contra pessoas que difundiram notícias falsas e ofensas contra si, entre elas um padre e o ator Alexandre Frota, hoje deputado pelo PSL (partido de Bolsonaro).

Neste mês de fevereiro, assim que foi tornada pública a vinda de Jean Wyllys a Portugal, a máquina das *fake news* voltou ao activo. Rapidamente, dois representantes de partidos políticos posicionaram-se contra a visita do deputado brasileiro a Portugal usando como argumento as notícias falsas.

Na chamada «Era da pós-verdade», em que vivemos, a máquina de mentiras que ganha eleições e persegue pessoas é movida pela ignorância e pelo ódio. Como combater essa avalanche de falsidades? Como evitar que os cidadãos sejam manipulados dessa forma? Jean Wyllys, vítima há anos desses ataques, começa agora no exílio a pensar e teorizar sobre esses nossos tempos. Vale a pena ouvi-lo.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LETTERAS

A última entrevista de Julio Cortázar

La mayoría de la gente se deja hipnotizar por lo que está leyendo pero abandona su propia personalidad durante el tiempo de lectura. Yo deseaba que el lector colaborase aunque sea tirando el libro por la ventana.

Asinalando a passagem de 35 anos sobre a morte de Julio Cortázar, o jornal argentino *Clarín* voltou a publicar uma entrevista concedida pelo escritor em 1983, em Buenos Aires, durante a sua última visita à capital argentina. As perguntas do jornalista, Jorge Bedoian, percorrem vários fios da sua obra com destaque para *Rayuela*, mas também temas como a guerra das Malvinas, a situação política na Argentina ou os direitos humanos. Para ler e guardar no arquivo.

«Usted ha realizado una larga militancia en los últimos años en la que hace al tema de los derechos humanos. ¿Le parece un tema prioritario entre los reclamos que acuden al pueblo argentino, un tema trascendental para el equilibrio democrático de la nueva década?

O creo trascendental y prioritario. No es que ignore los problemas económicos que enfrenta la masa obrera argentina, todos los problemas cotidianos que son también prioritarios. Pero creo que el problema de los derechos humanos es fundamental porque va al fondo de los problemas, es una cuestión de ética, una cuestión moral. Y hoy que buscamos todos un retorno a la democracia, una democracia que no esté sustentada en una ética comparable por todo un pueblo, no la ética de los dirigentes- está condenada a la inestabilidad. Y la inestabilidad como un intelectual, pero como un intelectual que, al mismo tiempo, tiene conciencia de que no es un intelectual de torre de marfil, ¿cuchero" sin una conciencia política clara es simplemente sobervio, vegetan-

«En su novela Rayuela el narrador habitaba de las lectores cómplices...

Eso era un llamado al eventual lector del libro para que colaborase en una actitud pasiva en el momento que es mo leccuente. La mayoría de la gente se deja hipnotizar por lo que está leyendo pero abandona su propia personalidad durante el tiempo de lectura. Yo deseaba que el lector colaborase aunque sea tirando el libro por la ventana, o buscito sobre todo en los jóvenes. Interés que comprobeo con el gran entusiasmo que despierta *Rayuela* entre los jóvenes mantiene muy atractiva por libro, acaso porque encuentran ahí una serie de preguntas, de cuestionamientos, que son típicas y normales – afortunadamente – en la juventud.» ♦

A homenagem censurada a Antonio Machado

Los materiales referentes a la muerte de Machado y sus últimos días de penuria fueron prohibidos, pero no borrados de la historia, porque Carlos Vélez guardó los manuscritos originales antes de ser censurados.

Em 1959, a revista española *Acento Cultural* planeava um número dedicado ao exílio republicano. Um dos colaboradores do siste anos passados sobre a sua morte. O número publicou-se, mas com um alhamburro muito diferente daquele que Paulo Vélez, literato amigo de Machado, tinha enviado. Nesse, o censura franquista recusou por duas vezes os contestados da entrega e só tornaria a permitir que a letrista, a propósito circulasse. Os textos e imagens censuradas desapareceram do olhar do público, mas não da história. Carlos Vélez guardou esses documentos na sua secretária e agora, passeata anos mais tarde, o seu filho, Lia Vélez, publica-os no livro *Antonio Machado Bobedo, la censura y el Exilio Republicano*. Aquel Acento tuvo que rehacerse tres veces y fue peligrado, lamenta, abanado da filha de Carlos Vélez e membra da Academia das Memórias, cas da treatre con una de las revistas culturales más importantes de la época. Os materiales referentes a la muerte de Machado y sus últimos días de penuria fueron prohibidos, pero no borrados de la historia, porque Carlos Vélez guardó los manuscritos originales durante todos estos años. Entre ellos, materiales originales e inéditos de Pedro Serrel, Juhan de Benito, Carlos Caballero Jurado, Gloria Fuertes, José Agustín Goytisolo y otros muchos poetas de la época. También tuvo el cuidado de duplicarnos a sus hijos, cuando aún éramos muy jóvenes, el sentido de estos papeles. Ahora la carpeta es como abrir un camino al pasado, dijo el surge, por ejemplo, Gloria Fuertes y su tarjeta postal.» ♦

O passado feito mito

O colonialismo português foi tão violento quanto os outros. Essa ideia de um colonialismo de outra natureza, miscigenado com as populações locais, resulta de importação da teoria lusotropicalista elaborada por Gilberto Freyre.

Miguel Cardina, que recentemente co-organizou, com Bruno Sena Martins, o livro *As Voltas do Passado – A Guerra Colonial e o Estado Novo* (Tinta da China), conversa com a jornalista Vânia Maia da Viola, sobre alguns dos temas que integram este volume. Relacionado o passado com a actualidade, Miguel Cardina refere sobre o racismo, a ideia de uma "colonização boa" e o modo como, em Portugal, chamam-se a história recente com pouco espírito crítico. Um excerto:

«Portugal ainda é um país racista?

Portugal tem uma sociedade racista, não há dúvida nenhuma.

Mas os portugueses não se veem como tal e não existe propriamente um discurso racista...

Eu vejo um discurso racista, basta ler as colaras de comentários dos jornais e perceberemos que todos os imaginário sobre África e sobre os africanos mostra um profundamente racista. Obviamente, isso não significa que nos portugueses que são negros e vítimas desse racismo estrutural. A grande maioria das vezes não existe uma parte do afeto aberto; é um discurso em que se naturaliza a diferença racial e em que se entende o outro, muitas vezes portugues com sangue, como diferente. Isso não significa que o sujeito de alguma coisa – veja-se a relação que as políticas têm com as questões racializadas. É também possível ver a existência numa sociedade com esta história colonial. Portugal não ser racista, mas sim racista de outra forma.

«Ainda é muito difundida em alhar para a Guerra Colonial? Isso deve-se ao facto de os militares que fizeram a guerra também terem feito o 25 de Abril?

Não, não é isso. Não é isso. Acredito e nem é necessariamente resultado da sua pressão direta. A sociedade é que criou esse mito. Esse mito que, para consideravel deles – a seguir foram os heróis da democracia. Esse processo teve uma difícil elaboração, uma grande ausência de violência efetiva, e muito explícita, exercida não só sobre o outro lado em combate mas também sobre as próprias populações. Essa é uma das razões pela persistência do mito bélicio sobre a Guerra Colonial. Outro elemento da forma colonizante como Portugal olha para as antigas colónias para em que ver com o lusotropicalismo. A guerra contradiz a narrativa oficial de que éramos todos irmãos e de que nos miscigenávamos.

Persistem muitos mitos sobre o império colonial português? Qual deles é prioritário desfazer?

O principal mito era precisamente o de que o colonialismo português foi diferente dos outros. Naturalmente, não foi igual ao britânico, ao espanhol ou ao holandês, mas isso não significa que tenha sido qualitativamente mais benigno. O colonialismo português foi tão violento quanto os outros. Essa ideia de um colonialismo de outra natureza, miscigenado com as populações locais, resulta da importação da teoria lusotropicalista elaborada por Gilberto Freyre, adotada como uma espécie de ideologia do Estado Novo, num contexto em que o regime era acossado internacionalmente por tentar em iniciar o seu processo de descolonização. Esta ideia de excecionalidade e, apesar do 25 de Abril, seito mantive-se por várias razões.» ♦

O direito à identidade

Gisberta foi encontrada num poço, morta, depois de ter sido torturada e seviciada durante dias, como se de uma não-pessoa se tratasse, por um grupo de rapazes com idades entre os 12 e os 16 anos.

Onze anos depois do homicídio de Gisberta Salce Júnior, no Porto, Portugal discute uma nova proposta de lei de identidade de género, acabando com a exigência do diagnóstico de perturbação mental e com os tratamentos como requisitos para a definição do género por parte das pessoas trans. No Público, um artigo de Ana Sofia Neves, membro do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG – ISCSP-UL) e professora universitária, recorda o caso de Gisberta, lembrando Gisberta e o ódio que esteve na origem da sua morte:

«Chamava-se Gisberta. Gisberta Salce Júnior. Tinha 45 anos, era mulher, trans brasileira, imigrante e trabalhava no sexo. Viveu nas ruas do Porto, até ao momento que foi contava os dias, à mercê dos tantos ódios alheios que lhe viram a tirar a vida a 22 de fevereiro de 2006. Foi encontrada num poço, morta, depois de ter sido torturada e seviciada durante dias, como se de uma não-pessoa se tratasse, por um grupo de rapazes com idades entre os 12 e os 16 anos, investido de muitos desses tantos ódios alheios. O ódio maior, o da transfobia, esse fluiu por prover. O resultado de outrajado conciuiu pelo teso do afogamento, tendo os jovens envolvidos sido acusados dos crimes de ofensas corporais qualificadas e de omissão de auxílio. Mattou-a a água, foi-nos dito, quando todavia sabemos que o que a matou foi o ódio.» ♦

CONFISSÕES DE UM TRAVESTI

ANÓNIMO
ORFEU NEGRO
TRAD. JORGE LIMA ALVES

Esconder a verdadeira pele

O mais recente livro da colecção Casimiro (Livros ilustrados para gente madura e extravagante, como se apresenta), da Orfeu Negro, é o texto de um anónimo. Publicado pela primeira vez em 1956, em França, na colecção Les Grandes Études Françaises de Psychiatrie, da editora Le Terrain Vague, a sua autoria nunca foi apurada, ainda que tenha havido rumores de que poderia ter sido escrito por Éric Losfeld, o seu editor. O texto descreve, na primeira pessoa, a vida de um homem francês, entre finais dos anos 20 e os anos 50 do século passado, focando-se na sua sexualidade, no modo como a vive e nas peripécias a que se sujeita para a manter discreta. O homem que assina estas confissões tem 43 anos, é casado com uma mulher e pai de um filho. A rotina da sua vida decorre entre os sobressaltos mais banais do quotidiano e os que se intrometem pela mão da II Guerra, de cuja participação se vê dispensado, mas que ainda assim o obriga a mudar-se com a família para o campo, fugindo aos bombardeamentos. Aquilo que confessa é a expressão da sua sexualidade, desde muito cedo ligada ao fascínio pela roupa feminina, especialmente a lingerie, que começa a vestir às escondidas da mãe.

As descrições das primeiras experiências da sexualidade, avançando depois para outras mais conscientes, já com uma noção clara do papel que a fantasia assume na sua realização e das situações que lhe dão prazer, permitem colocar este livro na colecção Casimiro sem qualquer estranheza, mas na verdade são as reflexões sobre a sensação de isolamento perante uma forma de desejo que não parece encontrar semelhanças nas experiências de outras pessoas que fazem de ***Confissões de um Travesti*** uma obra tão relevante e actual. O homem que confessa as suas fantasias sente-se afortunado por encontrar na mulher uma aliada, alguém que não o recrimina – pelo menos durante um determinado tempo – e que assume o seu comportamento como uma expressão do desejo, entre tantas possíveis. Apesar disso, sabe que em caso algum outras pessoas poderão sequer desconfiar do seu gosto por cuecas de mulher, das suas sessões de travestismo em frente do espelho, das fotografias em que se regista a si próprio envergando diferentes peças de roupa feminina. E, mais tarde, também a mulher assumirá outra atitude, encarando estas fantasias como algo doentio. Essa consciência do proibido convive com um bem-estar pacificado consigo próprio, mas atravessa todo o texto, reforçando uma opressão que, vinda de fora, não deixa de impor os seus efeitos: «(...) encomendei também eu obras sobre sexologia, fetichismo e travestismo. Infelizmente, a maior parte das vezes ficava desiludido, ou porque essas obras eram antiquadas, ou porque não retratavam exactamente o que eu sentia. Por exemplo, nos capítulos sobre fetichismo que me vieram parar às mãos, só falavam de sapatos envernizados ou de aventais brancos, ou ainda de corpetes, mas nunca de roupa íntima e muito menos de cuecas sugestivas. Bem gostaria de ter encontrado alguém que que partilhasse os meus gostos, mas as minhas tentativas nesse sentido nunca deram em nada.» (pg.58)

Se o isolamento confirma a força dos tabus associados à sexualidade, e a todas as suas expressões que não cumpram a sacrossanta tríade heterossexualidade-procriação-recato, o modo seguro com que o narrador descreve o seu desejo, sem culpa, remorso ou vergonha, faz deste um texto subversivo, até pela época em que foi tornado público, mas igualmente assertivo, afirmando uma vivência plena da sexualidade contra um contexto que insistia – e insiste, mesmo que de modos diferentes e talvez já matizados pelas mudanças sociais e políticas que entretanto decorreram – em evitar-lhe a expressão.

Na edição original, as fotografias do autor vestido com roupas de mulher (conceito igualmente petrificado, mas não propriamente discutido neste livro) acompanhavam o texto. Na edição que agora se publica, as fotografias desapareceram, substituídas pelas ilustrações criadas por João Maio Pinto. A decisão editorial talvez retire o elemento documental a uma obra que tem um contexto muito específico, mas acrescenta-lhe a riqueza de um universo pictórico que segue o texto sem isolar excertos para iluminar, preferindo encenar pedaços daquilo a que poderíamos chamar a vida interior de quem aqui se confessa. Numa gramática visual marcada pelas corres carregadas, pela construção de elementos simbólicos em contraste com alguma literalidade e por elementos que se identificam com o surrealismo, Maio Pinto complementa este texto de tal modo que faz dele um novo livro, já sem o lastro documental, afirmando-o enquanto objecto que reflecte plenamente o universo mental, a relação com o mundo através do desejo e o olhar introspectivo de quem decidiu escrevê-lo.

ANDREIA BRITES
SARA FIGUEIREDO COSTA

A MUSA IRREGULAR
FERNANDO ASSIS PACHECO
TINTA DA CHINA

Num único volume, a nova edição do livro de 1991, *A Musa Irregular*, ao qual se junta *Respingos Assistir* (2003) e um conjunto de inéditos e dispersos. No prefácio, diz Pedro Mexia: «O jornalista Assis dedica-se a uma poesia da ocorrência, tanto quanto da experiência: os amigos partindo-se, os reencontros tristes, os avós gelegos, a amada e os seis filhos, Campo de Ourique, a Coimbra estudante ou futrica, a lírica bucólica de Pardilhó. E o tempo que passa, o tempo que passou.»

NUM MOLHO DE BRÓCOLOS OU A VIDA NÃO PODE SER SÓ ISTO
MAURICE SENDAK
KALANDRAKA

A narrativa tem todos os condimentos do mestre: a subversão, a fantasia, o nonsense. A acrescer a não menos importante reflexão sobre o que significa ter experiência, se é saber desempenhar uma tarefa ou sentir a urgência de arriscar algo em nome de alguém ou algo importante? Mais ainda, o que sabemos que sabemos? Sendak continua a desconstruir estruturas de pensamento e comportamento, desta feita pelas ações de Jessie, uma cadela determinada a não se conformar. As ilustrações clássicas a tinta da China não apaziguam o estranhamento perante personagens e situações.

HISTÓRIAS
SUSAN SONTAG
QUETZAL

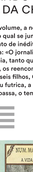
É nos ensaios que se reconhece o trabalho de Susan Sontag, mas a ficção que assinou merece igual destaque no conjunto da sua obra. Neste volume, reúne-se as ficções breves da autora, contos que refletem também o seu pendor ensaístico e inquiridor da autobiografia enquanto modo possível de ficcionar uma vida, mesmo que em fragmentos aparentemente desordenados.

TORTO ARADO
ITAMAR VIEIRA JUNIOR
LEYA

Vencedor da última edição do Prémio Leya, o romance de Itamar Vieira Junior percorre a história mais recente do Brasil, indagando sobre os ecos da escravatura na vida de uma família e, por extensão, na de um país. Começa assim: «Quando retirei a face da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos.»

HILVANO RECUERDOS
PABLO ANTOÑANA
PAMIELA

De Pablo Antoñana, escritor espanhol falecido em 2009, publica-se agora um volume de memórias cuja cronologia se inicia na infância, abrangendo os anos da Guerra Civil. E mais do que as memórias íntimas que partilha com os leitores, este livro é também um retrato atento da sociedade espanhola e das várias turbulências que a envolveram ao longo do século XX.



DEZ DEDOS NAS MÃOS E DEZ DEDOS NOS PÉS
MEM FOX E HELEN OXENBURY
KALANDRAKA

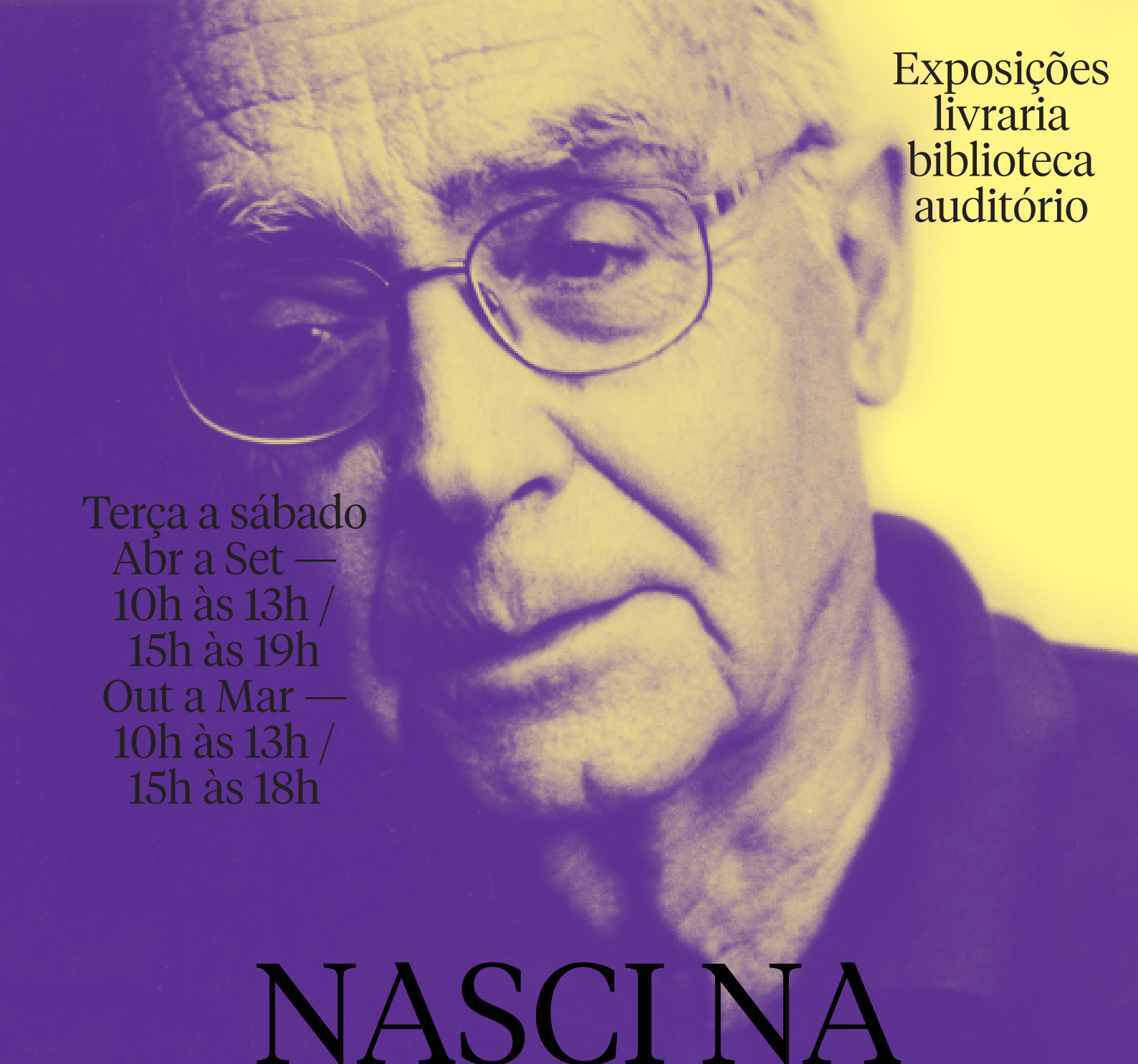
Ao traço clássico da ilustradora britânica junta-se um texto paralelístico em tom de cantilena. Muito adequado para leitores durante a primeira infância, a mensagem textual que se repete e se centra na contagem dos dedos dos bebés acrescenta um outro nível de leitura oferecido precisamente pelas figuras realistas de Oxenbury. A geografia e a aparência da cada criança difere da anterior, criando um mosaico de universalidade. E para a legitimar, nada melhor que a expressão particular de uma mãe.

DEMOCRACIA EM RISCO?
VVAA
COMPANHIA DAS LETRAS

Académicos, artistas e intelectuais de diferentes áreas do pensamento refletem sobre o Brasil do presente, equacionando as ameaças ao sistema democrático e aos direitos humanos e de cidadania que o governo de Jair Bolsonaro configura. Textos de Sérgio Abranches, Angela Alonso, João Moeira Salles, Esther Solano ou Heloísa Starling, entre muitos outros.

BIA E O UNICÓRNIO
DANA SIMPSON
NUVEM DE LETRAS

Até à data esta coleção de banda-desenhado conta já com três títulos que multiplicam as ações e considerações pouco convencionais de Bia. Tudo começa quando conhece um unicórnio e tenta tirar partido de tamanho trunfo junto das amigas. O problema é que o animal não reage positivamente aos desmandos da garota pespineta e arrogante. Entre conflitos e uma crescente cumplicidade sucedem-se aventuras e diálogos sarcásticos, para não falar de equívocos…

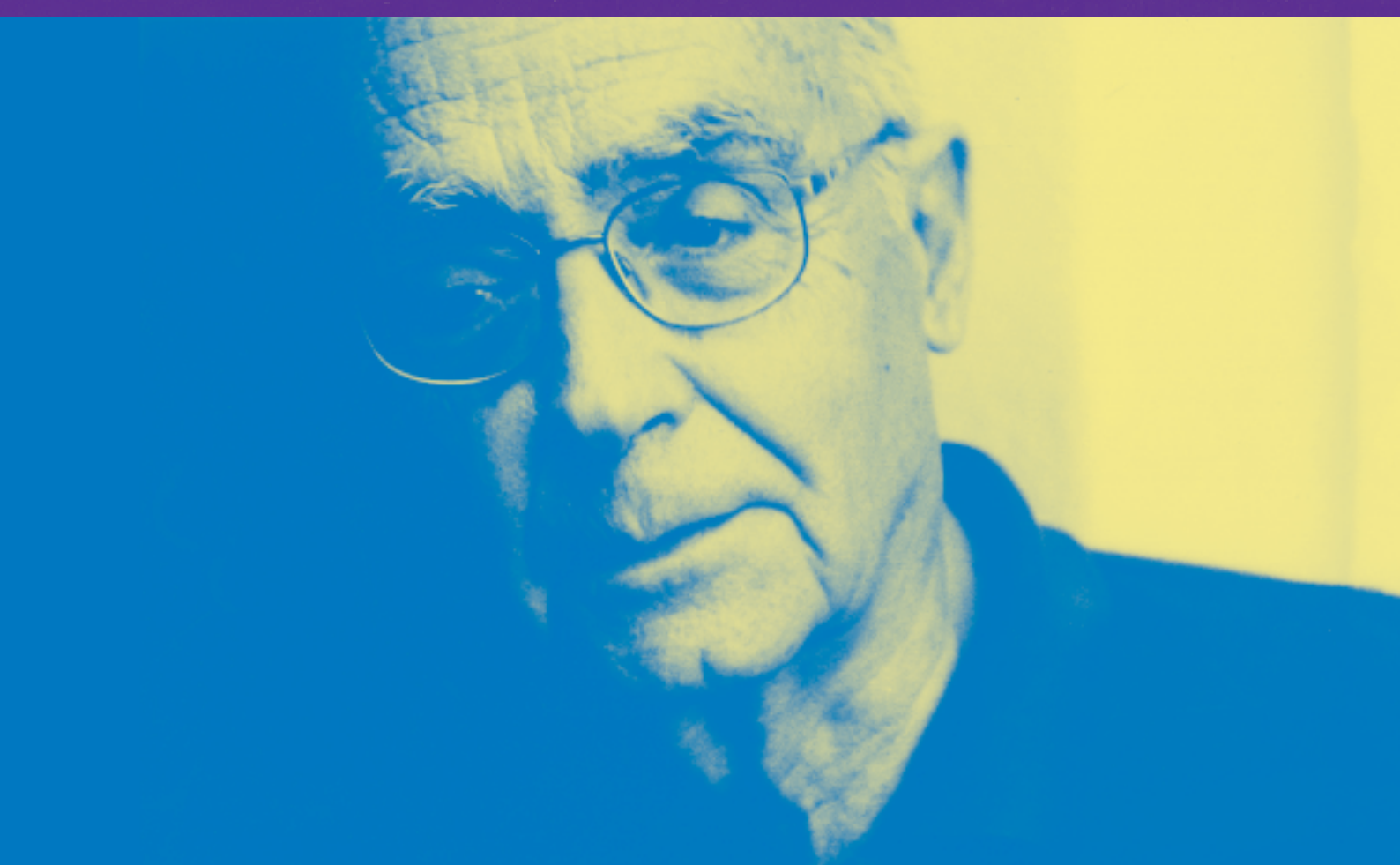


Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGA 10 ANOS YEARS AÑOS Fundação José Saramago



AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

on the road

Kerouac na Póvoa de Varzim

SARA FIGUEIREDO COSTA

Foi em 2007 que Tiago Gomes e Tó Trips subiram ao palco para, pela primeira vez, perceberem o livro de Jack Kerouac, *On The Road*, juntando música e imagens às palavras. Mais de uma década depois dessa estreia, o espectáculo voltou a subir ao palco, desta vez integrado na programação das Correntes d'Escritas, o festival literário que reúne anualmente, na Póvoa de Varzim, autores de expressão portuguesa e castelhana vindos de vários pontos do mundo. Celebrando os vinte anos das Correntes d'Escritas, que tem vindo a incluir no seu programa cada vez mais momentos onde a literatura se cruza com outras artes e formas de expressão, Tiago Gomes e Tó Trips encheram o bar do Hotel Axis Vermar de uma atmosfera capaz de desarmazar tempos e lugares, colocando-os longe dias na estrada americana e indefinição sobre o dia seguinte que as várias personagens vão partilhando à beira do mar da Póvoa.

Apagam-se as luzes e ouve-se a voz de Tiago Gomes. «Conheci Dean pouco depois de a minha mulher e eu nos termos separado. Eu acabara de recuperar de uma doença grave de que não vou dar-me ao trabalho de falar a não ser para dizer que tive a ver com essa ruptura extremamente deprimente e a minha sensação de que tudo fracassara. Com a chegada de Dean Moriarty comecou o período da minha existência a que se pode chamar a minha vida pela estrada fora.» Assim começa *Pela Estrada Fora*, o livro e o espectáculo. Quando a guitarra de Tó Trips ensaia os primeiros sons, a surpresa nota-se no rosto de parte da plateia. Um pouco antes, falava-se de poesia entre vozes amenas e talvez nem toda a gente sentada na audiência soubesse o que se seguiria. No palco, ninguém desarma. Por trás de Tiago Gomes, perfil com chapéu recortado na contra-luz, um ecrã mostra as imagens escolhidas por Raquel Castro. Ao lado do palco, quase escondido para quem se senta nas filas mais distantes, Tó Trips entrega-se à guitarra de cabeça baixa, ouvindo-se palavras de Kerouac à medida que lhes responde entre cordas e *riffs*.

No ecrã, Tiago Gomes e Tó Trips surgem num preto e branco granulado, ao dois dentro de um carro, fumando, olhando a paisagem sem fim dos Estados Unidos da América, parando numa bomba de gasolina onde uma mulher sexi os não será uma das muitas pessoas com quem Dean Moriarty e Sal Paradise se cruzam na sua travessia. Bares, salas de jogo, concertos, o deserto à noite. As imagens dos dois *performers* cruzam-se com outras, de arquivo, numa montagem que anula o anacronismo, colocando Tiago Gomes e Tó Trips nas ruas de cidades americanas dos anos 20 e 30 do século passado, nos balcões onde se serviam bebidas, nos *dinners* de beira de estrada, todo misturando os dois tempos num único presente.

—MAÑANA — DISSE ELA — AMANHÃ VAI CORRER TUDO BEM, NÃO ACHAS, SAL, QUERIDO? —CLARO, AMOR, MAÑANA. ERA SEMPRE MAÑANA.

As palavras do romance de Kerouac desfilam em português, quase sempre, com Tiago Gomes a ler as traduções mais reconhecidas como quem vive dentro da narrativa que atravessa a América. Às vezes, surge a leitura no original inglês, recuperando o ritmo que definiu o romance e lembrando a sua ligação com a música, e outras vezes misturam-se os idiomas. «God damn it, grite-i para o ar e bebi outro trago.» Na sala, parte da audiência está concentrada nas palavras, nas imagens e na música, experimentando uma espécie de deslocação mental para um universo narrativo que poucas semelhanças tem com a realidade do bar do hotel onde tudo isto acontece. A outra parte acaba por perturbar a função, criando um burburinho de conversas e copos junto ao balcão que demasiadas vezes interfere no que vai sendo criado a partir do palco. Os mundos cruzam-se, ainda assim, por ser difícil evitar que o pensamento se desvie das conversas e embarque nas palavras quando estas parecem quebrar a ordem inabalável do mundo e do que pode ou não ser dito. «Montana Slim virou-se para mim, apontou para os meus sapatos e comentou: – Achas que se os plantares na terra vai nascer alguma coisa? – sorriu-se sozinho, evidentemente, e os outros cowiram-se riram-se. Eram os sapatos mais ridículos da América (...).»

Blues, jazz, bebop são algumas das sonoridades que cruzam a prosa de Kerouac. O som criado por Tó Trips faz eco de todas elas, erguendo estranhas harmonias que parecem adquirir o condão de nos transportar para as estradas norte-americanas, um linha melódica a convocar a noite no deserto, uma sequência de acordes mais fortes a sugerir o desconcerto de um bar de beira de estrada, a melancolia, sempre e em todos os sons. « – *Mañana* – disse ela – amanhã vai correr tudo bem, não achas, Sal, querido? – Claro, amor, *mañana*. Era sempre *mañana*. Durante a semana seguinte não ouvi mais nada a não ser isso – *mañana*, uma palavra encantadora e que provavelmente é sinónimo de paraíso.»

On the Road, o espectáculo, nasceu por ocasião dos 50 anos da publicação original do romance homónimo de Jack Kerouac (1957-2007). Depois de várias passagens pelos palcos, Tiago Gomes e Tó Trips gravaram um EP que arruma, até onde isso é possível, os sons e ambientes do espectáculo num formato transportável, que permite regressar de modo ilimitado a esta versão musicada da narrativa de Kerouac. Apesar disso, escutar e ver ao vivo a entrega dos dois criadores a um universo que deixou tantas marcas na literatura – e não só – do século XX é experiência de uma outra ordem. «Por acaso alguém sabe para onde vamos agora?»

SABOTAGE
Rua D. Abel Varzim
apresenta
2 Fev.
23h
On the Road
DE JACK KEROUAC
TIAGO GOMES, clarinete TÓ TRIPS, guitarras
LUIS CARLOS MENDOZA, voz e percussões
RAQUEL CASTRO, vídeo e voz
JAMESON
ARTE
MEDIA TDX

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

A Casa da Andrea

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Andrea Zamorano

Rompido o tecido da memória, o que resta é o medo. Quando nos esquecemos dos que sofreram, dos que morreram, dos que foram torturados, dos que foram forçados a partir, dos que nunca tinham tido voz, dos direitos que conquistámos, damo-nos ao desvario de caminhar até ao paradoxo onde se é capaz de desejar outra vez esse cruel passado em troca de segurança.

Sabemos que tempos sombrios estão vigilantes na construção da oportunidade. É notória e crescente a influência das forças conservadoras que galgam espaços na comunicação social, nos partidos políticos e nos corações amedrontados dos cidadãos, que temem um conjunto de informações fabricadas com um único propósito, fazer-nos esquecer. A desatenção nos encaminha para a proximidade do abismo e,partida a nossa humanidade em pedaços, somos invadidos pelo ódio. Somos tomados por uma brutidão que nos faz desconhecer o outro; se não é como nós, é contra nós.

O medo é parte estruturante da construção das identidades nacionais contra os invasores estrangeiros. Assim se amplifica o ímpeto islamofóbico, a difamação dos imigrantes a quem se atribuiu a culpa do aumento do desemprego dos últimos anos na Europa – culminando no Brexit – a forte presença dos partidos de extrema-direita em países como a Suécia, Itália, Alemanha, Áustria, Hungria ou Holanda, e a patética, porém crescente, onda portuguesa de repúdio à imigração e de apologia aos valores da "família e da tradição".

À guisa de imitação burlesca daquilo que já de si é escandalosamente perturbador – a chegada ao poder de uma "nova" geração de políticos e políticas obtusas no Brasil – alguns partidos e políticos portugueses individualmente alimentam e fomentam o discurso de ódio contra grupos em particular e pessoas em específico, como o ataque recente contra Mamadou Ba, fundador da plataforma S.O.S Racismo e assessor parlamentar.

Por esse motivo, convoco-vos a um exercício: se somarmos os mais de dois milhões de portugueses espalhados pelo mundo – os números são do Observatório da Emigração – aos quase dez milhões que habitam em território nacional, Portugal tem cerca de vinte por cento dos seus cidadãos emigrados. Portugal continua sendo um país pobre, com lacunas enormes na distribuição de riqueza, não nos deixemos lograr pela ilusão de que somos melhores. Portugal não é apenas Lisboa.

Talvez os melhores indicadores da maturidade democrática portuguesa tenham sido a coragem de levar avante a sua vocação para a justiça social: o Sistema Nacional de Saúde; a democratização do acesso ao ensino, e em particular, a educação superior; e a promoção da liberdade de expressão, foram as maiores conquistas desse Portugal pós-revolução. Mas continuamos a ser o país europeu com mais emigrantes em proporção da sua população residente. É preciso colocarmo-nos na pele do outro para aprendermos um olhar diferente. A empatia nos humaniza. Por isso, sem nenhum pudor, peço que despertemos desse torpor para levantarmos a nossa voz pelos nossos amigos, primos, tios, avôs e avós que até ao governo anterior emigravam em catadupa para longe das fronteiras nacionais. Não temos o direito e, pelo contrário, temos o dever de acolher os imigrantes tal como queremos que sejam acolhidos aqueles que nos são caros nos países em que escolheram construir uma vida melhor.

Caso contrário, se silenciarmos ou embarcarmos nessa palhaçada – desculpem, não me ocorre palavra mais adequada apesar do carinho que nutro pelos palhaços profissionais – de alimentar o medo infundado que alguns partidos e políticos têm a desfaçatez de promover contra os imigrantes, num comportamento absolutamente xenófobo, não demora muito e a perseguição também se vira contra os nossos. Contra aqueles que estão emigrados, que é como quem diz contra nós mesmos.

uma montanha-russa chamada

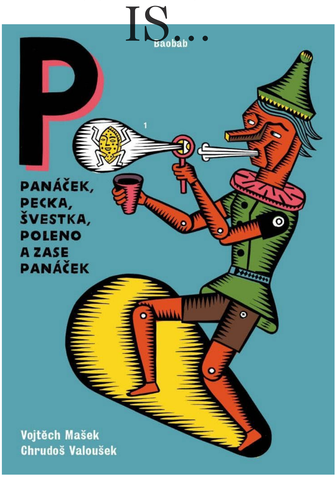
um livro que nasceu no teatro

ANDREIA BRITES

Turbilhão, confusão, emoções... São sentidos para a palavra adolescência, pelo menos dos pontos de vista que a esta a viver no presente. Mas não só. Foi o que descobriram Miguel Fragata e Ana Isabel Strindberg, fundadores da companhia Formiga Atómica quando se aperceberam que estavam rodeados de jovens a passarem entre crianças e adultos.

Todos eram completamente num outro espetáculo da dupla, em que crianças e adultos estavam separados por um muro. Ao lado de quem ficou a adolescência, os adolescentes que participaram e lhes perguntaram «E tu?», «Qual é a tua história?» e deram origem a este *Longe Assim*. Para isso eles provão conhecer, chega-se à conclusão que a adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta, e que é também o momento em que se começa a ganhar consciência e a ser-se mais crítico. Mas também é uma fase de muitas descobertas, de muitas mudanças, de muitas dúvidas e de muitas inseguranças. Um período de grandes contrastes,

AND THE WINNER IS...



Como acontece todos os anos, já foram anunciados os **Ragazzi Bolonha Awards** nas suas quatro categorias tradicionais (Ficção, Não-ficção, Opera Prima e New Horizon), na categoria digital e ainda numa secção especial, dedicada exclusivamente ao público da primeira infância.

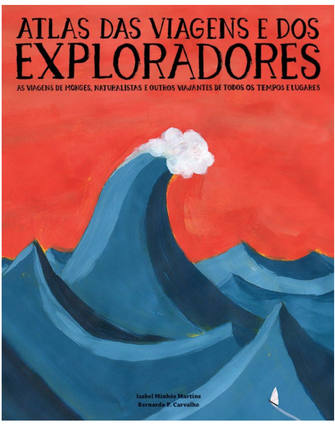
Ficção
Panácek, pecka, švestka, poleno a zase panácek
(Puppet, Plum Pit, Plum, Plank, and back to Puppet)
Vojtech Mašek, Chrudoš Valoušek, Baobab, República Checa

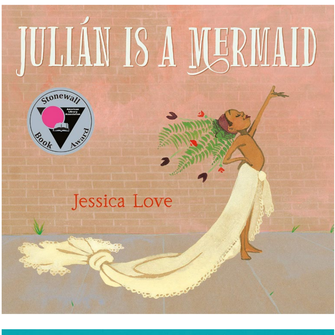
Não-ficção
Atlas das viagens e dos exploradores, as viagens de Monges naturalistas e outros viajantes de todos os tempos e lugares
Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho
Planeta Tangerina, Portugal

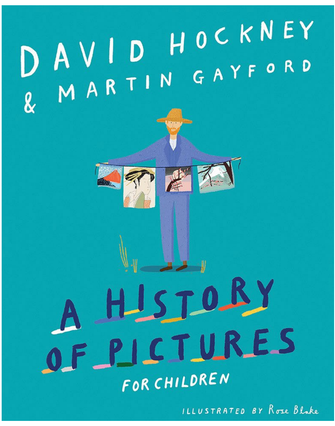
Opera Prima
Julian is a Mermaid
Jessica Love
Candlewick Press, E.U.A.

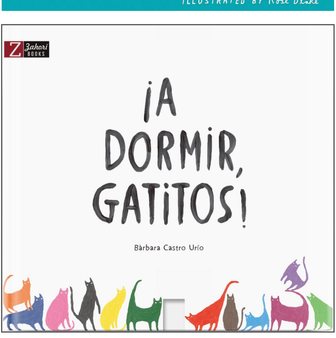
New Horizons
A History of Pictures for Children
David Hockney, Martin Gayford; Rose Blake
Thames & Hudson, Reino Unido

BRAW Toddler
¡ A dormir, gatitos!
Bàrbara Castro Urío
Zahorí Books, Espanha









ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES

Coisas que acontecem
Inês Barata Raposo
Susa Monteiro
Bruaá

A narrativa juvenil literária parece começar a mostrar um fulgor renovado com nomes desconhecidos que vão dando os primeiros passos na escrita com a segurança devida. É sabido que o Prémio Branquinho da Fonseca tem sido um bom prenúncio para o aparecimento de autores de inquestionável qualidade. Basta pensar em nomes como os de Rita Taborda Duarte, Gonçalo M. Tavares, David Machado ou mais recentemente Ana Pessoa.
Por isso, a edição da Bruaá desta novela juvenil traz expectativa. Coisas que acontecem é o livro de estreia de Inês Barata Raposo e o texto mereceu-lhe justamente o Prémio Branquinho da Fonseca de Literatura Juvenil em 2017. Apesar de denotar alguns excessos de um bordão linguístico associado a adolescentes e, a espaço, explicações ou comentários desnecessários para a progressão narrativa ou para a percepção das emoções da protagonista, a novela é bastante competente.
O tema centra-se numa amizade perdida e o leitor vai reunindo sobre os acontecimentos à medida que a narradora (cuja primeira afirmação deixa claro que o anonimato persistirá até ao fim do seu testemunho) vai intersecionando elementos relacionados com a zanga com outros momentos ou figuras. Também fica assente que o testemunho tem um carácter terapêutico mas só mais tarde o leitor confirma que a adolescente se viu obrigada a frequentar as sessões com uma psicóloga para a ajudar com a sua raiva e a sua angústia. A terapia acontece, mas não de forma organizada e a propósito dela o leitor tem acesso à biografia da narradora, desde o seu contexto familiar aos seus sonhos e medos. Dois acontecimentos marcantes cruzam-se com a zanga com Jo, um mau no passado e um bom no presente. Há conflitos familiares, a necessidade de integração, morte, frustração, consultas numa psicóloga, uma paixão iminente. Depois da catarse o desenlace será o mais surpreendente da narrativa, pela capacidade que a autora tem de alterar o tom, tornando-o mais cru e maduro. A protagonista cresceu.
O que faz desta narrativa um texto literário que sobrevive a clichés e fórmulas sobre emoções e experiência de vida é justamente a fragmentação habilmente tecida do discurso, que suspende, obriga a relacionar e a inferir. Para além disso a importância basilar do episódio da zanga não é levado para nenhum nível melodramático, bem pelo contrário. Há uma sinceridade e uma transparência na gestão da situação que, sem grandes cuidados, a leva para o epicentro da identidade, aceitação e integração, tríade decisiva da felicidade a partir da adolescência. E não há melhor receita que a sinceridade para criar empatia com o leitor.

Aqui estamos nós, apontamentos para viver no planeta Terra
Oliver Jeffers
Orfeu Negro

Desta feita, Oliver Jeffers explica ao que vem: o livro nasce da urgência em dar a conhecer ao seu filho recém-nascido o que é o mundo. A preocupação é legítima e o desafio hercúleo. O que devemos introduzir, o que pode ser basilar, como se distingue o essencial do acessório e o que queremos de facto destacar? O ilustrador não se centra nem na história da origem da criança nem tão pouco na identificação dos elementos que lhe estão mais próximos. Logo na capa o subtítulo e a ilustração remetem para uma dimensão planetária e sideral. E é neste exercício de aproximação que se desenrola a primeira parte da apresentação: o sistema solar, o planeta terra e o seu satélite, os seus elementos primordiais (terra, mar e ar), e algumas características básicas de cada um. Nada de exaustivo. Da geografia para a composição do corpo humano e para as suas necessidades básicas. Agora chegamos a uma multiplicidade de figuras que paramos a observar, a identificar, a distinguir pelo traje, pelo fenótipo, pela ação que desempenham. Também pela expressão podemos arriscar um estado de espírito. Ao invés, o texto é espartano mas incisivo: «Há pessoas de todas as formas, tamanhos e cores. Podemos parecer diferentes, fazer coisas e sons diferentes... mas não te deixes enganar, somos todos pessoas.» Eis o cerne do álbum: identificar, com o mesmo nível de importância e respeito, todos os que integram e habitam este planeta. Sem demandas morais, Oliver Jeffers marca a sua posição quando de facto escolhe uma astronauta, um homem com uma criança num marsupial, um rapaz numa cadeira de rodas, um homem sem uma perna a tocar contrabaixo, uma jovem com um fato-macaco e uma chave de fendas, uma tenista com hijab, um homem de negócios negro, uma mulher de burca, um palhaço malabarista, um mendigo, duas mulheres a casarem, uma adulta e uma criança em possível migração, um lutador de sumo...entre tantas outras pessoas que poderiam ser aqui igualmente nomeadas. Quando se pensa em representação, a diversidade está muito bem descrita sem hierarquias na página dupla. Também há pessoas coloridas, e monocromáticas, novas e velhas, grandes e pequenas, gordas e magras. O facto de que logo a página dupla seguinte se dedique a semelhante apresentação de animais reforça ainda mais esta ideia. Segue-se, de forma extraordinariamente sucinta, uma abordagem ao tempo, através da repetição e alteração de ritmos e finalmente uma manifestação afetiva tão natural: a consciência da finitude o desejo de que esse ser frágil e dependente nunca fique abandonado. O reto final dá um sentido unificador ao percurso escolhidos que haja lugar para todos e que ninguém fique só. Agora as guardas, com as estrelas guias dos dois hemisférios, fazem muito mais sentido. Mas também, a simples motivação que se tecia no início do álbum revela-se muito mais um ensinamento que uma ingénua é inócua visita guiada à Terra. Tudo isto com uma paleta de cores vivas e contrastantes, movimentos, legendas, e elementos curiosos a descobrir. Por isso é um álbum. Se é informativo? Provavelmente. Mas é, na sua economia textual e na ilustração representativa, muito mais do que apenas isso.

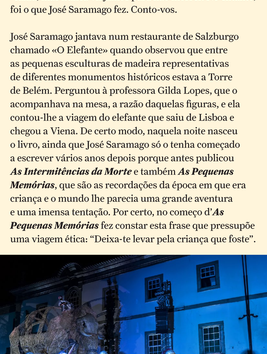
sara ma gui ana

PILAR DEL RÍO

SEMPRE CHEGAMOS AO SÍTIO AONDE NOS ESPERAM

Viajamos para conhecer lugares e pessoas, porque é tempo de férias ou por razões de trabalho, nosso ou de quem está conosco. Às vezes sonhamos com viagens porque nem quando dormimos conseguimos estar quietos: então a bendita curiosidade nos provoca e propõe futuros fabulosos. Com a imaginação viajamos pelo espaço sideral, por perigosos desfiladeiros, no lombo de Rocinantes literários o num confortável carro--cama, mas nunca viajamos para não morrer. No entanto, foi o que José Saramago fez. Conto-vos.

José Saramago jantava num restaurante de Salzburgo chamado «O Elefante» quando observou que entre as pequenas esculturas de madeira representativas de diferentes monumentos históricos estava a Torre de Belém. Perguntou à professora Gilda Lopes, que o acompanhava na mesa, a razão daquelas figuras, e ela contou-lhe a viagem do elefante que saiu de Lisboa e chegou a Viena. De certo modo, naquela noite nasceu o livro, ainda que José Saramago só o tenha começado a escrever vários anos depois porque antes publicou ***As Intermitências da Morte*** e também ***As Pequenas Memórias***, que são as recordações da época em que era criança e o mundo lhe parecia uma grande aventura e uma imensa tentação. Por certo, no começo d'***As Pequenas Memórias*** fez constar esta frase que pressupõe uma viagem ética: "Deixa-te levar pela criança que foste".



E chegou o dia de começar a escrever ***A Viagem do Elefante***. José Saramago estava em Lanzarote, tinha recolhido informações sobre os elefantes da Índia - que são diferentes dos de África, segundo lhe contou o escritor bengalês Subhro Bandopadhyay, uma incrível fonte de informação. Sobre a mesa tinha os mapas da Europa. Também havia recolhido documentos sobre a importância que os animais desempenhavam naqueles tempos na diplomacia entre os Estados. Os vários protagonistas do relato já tinham perfil: o elefante, o cornaca, os ajudantes...
A história, finalmente, estava pronta para ser contada quando a doença instalou-se no seu corpo. Nos últimos dias de 2007, José Saramago esteve a ponto de morrer num hospital de Lanzarote. Os médicos não deram esperanças, o inevitável ocupou o espaço dos desejos, era como se não houvesse nada mais para contar. Só restava esperar.

Mas não foi assim. Contra todos os prognósticos, José Saramago recuperou-se e voltou à casa. Tinha poucas forças, mas isso não o impediu de se sentar diante do computador e recomeçar aquela particular viagem com um elefante, de Belém até Viena, um verão e o seu respectivo inverno, planícies, mares e cordilheiras. Pela página 73 aparece um personagem desconhecido, mas o bom leitor em seguida identificará como sendo o próprio escritor, que entra na narração para contar a sua experiência pessoal, embora o faça de acordo com a lógica literária, como se fosse um conto dentro do romance. Trata-se de um homem que está perdido no nevoeiro, exposto a perigos, e que consegue se salvar porque ouve os barritos do elefante: "Ferrou-se no sono, e é de crer que ainda hoje estaria a dormir se salomão não tivesse soltado, de repente, em qualquer parte do nevoeiro, um barrito atroador cujos ecos deveriam ter chegado às distantes margens do ganges."

Mais adiante o escritor volta a evocar o elefante: "Outra vez, salomão, por favor, outra vez. E salomão fez-lhe a vontade, soltou novo barrito, menos forte, como de simples confirmação, porque o náufrago que era já deixava de o ser (...)". E acrescenta: "Foi como se o elefante tivesse pensado, Aquele pobre diabo vai morrer, vou ressuscitá-lo". Mais claro que isso só a água.

Não me parece que sejam necessárias mais palavras para entender que o homem perdido na nevoa era José Saramago e que foi o chamado imperativo do relato que tinha para escrever o que lhe deu forças para superar a investida da morte. Podemos afirmar agora, categoricamente, que ***A Viagem do Elefante*** salvou a vida àquele que a escreveu. Há viagens que ajudam a não morrer. Talvez a alegria que esta obra literária desprenda resulte do (feliz) facto de que o autor tenha sido capaz de escrevê-la. A isto agora se soma, e com que prazer, a experiência dos leitores, que são tantos e de tantos países e idiomas. Porque a viagem não termina nunca se somos capazes de prolongar-nos em memórias.

Texto lido na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, no dia 19 de fevereiro durante a fase local do Concurso Nacional de Leitura

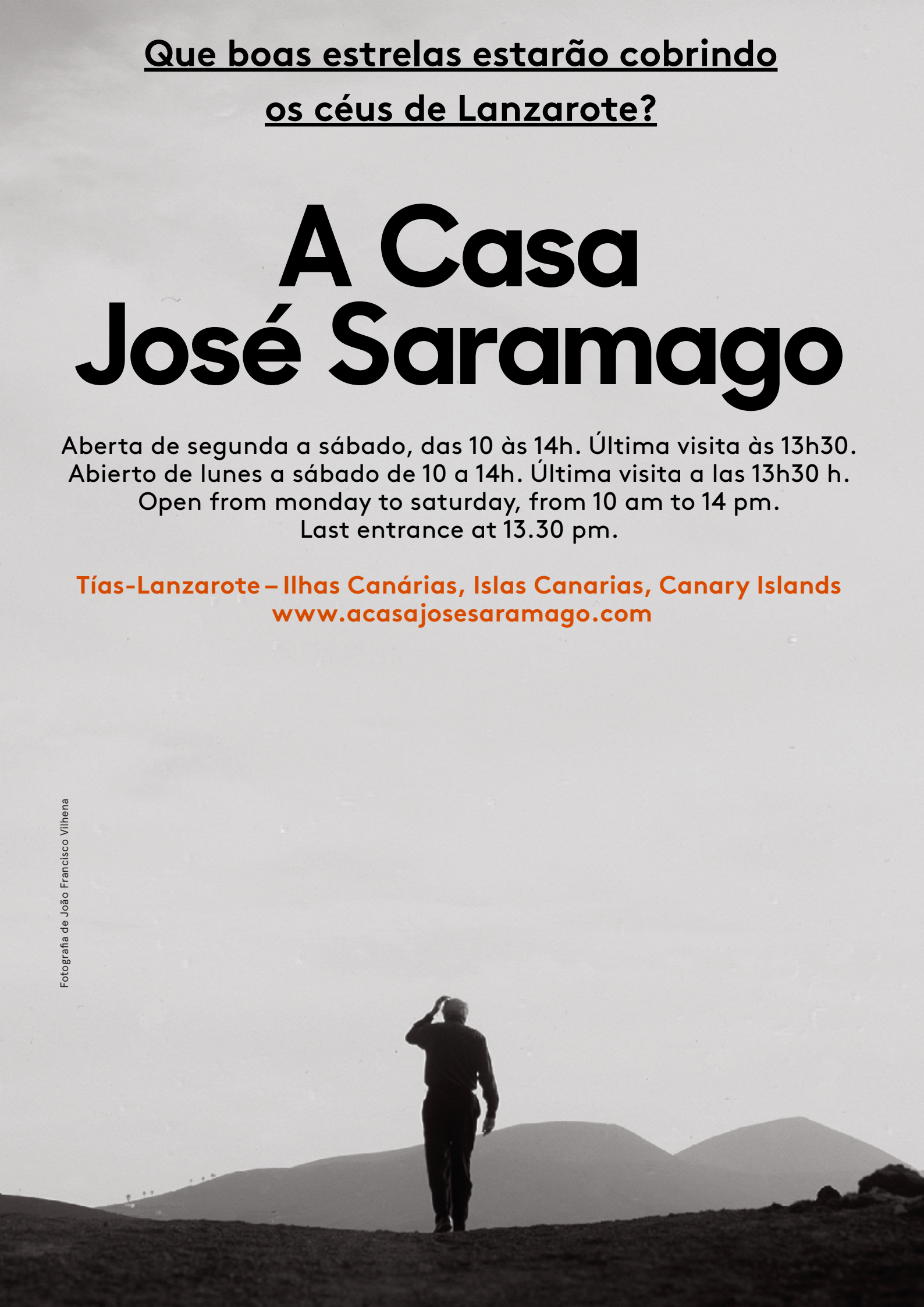
FOTOGRAFIAS DE RICARDO CHAVES

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

fevereiro

Até 3 mar

Velázquez y El Siglo de Oro

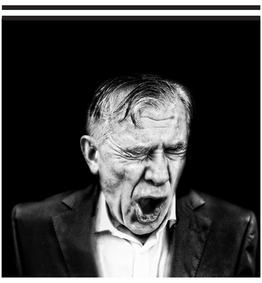
Pinturas de Velázquez e de outros pintores, analisando a influência do mestre na pintura espanhola do Siglo de Oro. Barcelona, Caixa Forum.

Até 12 mar

Kellerkino. Cinema na biblioteca

Ciclo dedicado ao melhor cinema alemão contemporâneo para ver de duas em duas semanas, sempre às terças-feiras. Lisboa, Goethe-Institut.

A TUA BELEZA NÃO VALE NADA, DE HÜSEYIN TABAK



Até 30 mar

Jeu de 54 Cartes

A mais recente série de trabalhos do artista português Jorge Molder, baseada na estrutura típica do popular baralho de cartas francês. Lisboa, Carpintarias de São Lázaro.

Até 21 abr

Man Ray. Objetos de Ensueño

Mais de uma centena de fotografias e outros objectos criados pelo mestre do Surrealismo. Madrid, Fundación Canal.

ALFREDO PORTILLOS

Até junho

Vizinhos Distantes

Exposição que parte do acervo do MAC-São Paulo para mostrar o trabalho de vários artistas latino-americanos das décadas de 1960-70. São Paulo, Museu de Arte Contemporânea.

10 mar

Swing, Swing, Swing

Concerto da Orquestra de Sopros do Conservatório de Música e Artes do Dão, composta por jovens músicos. Tondela, ACERT.

15 a 24 mar

Rota das Letras

8.ª edição do festival literário de Macau, reunindo autores de língua portuguesa e chinesa, entre outras geografias idiomáticas. Macau, Centro de Arte Contemporânea – Oficinas Navais.

No fundo, há que reconhecer que a história não é apenas selectiva, é também discriminatória, só colhe da vida o que lhe interessa como material socialmente tido por histórico e despreza todo o resto, precisamente onde talvez poderia ser encontrada a verdadeira explicação dos factos, das coisas, da puta realidade. Em verdade vos direi, em verdade vos digo que vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso.

A Viagem do Elefante